

## O Pessoa trágico e romântico de Eduardo Lourenço

Pedro Sepúlveda

*Universidade Nova de Lisboa*

### Resumo

Eduardo Lourenço encontra em Pessoa um conflito insolúvel entre realidades ontológicas opostas, nenhuma sendo capaz de prevalecer sobre a outra: a realidade e a ficção, a autenticidade e o fingimento, a totalidade e o fragmento, o conhecimento e a ignorância ou o amor e a sua ausência. Este conflito remete não apenas a uma dimensão trágica da obra pessoana como, segundo Lourenço, a outra profundamente romântica, nelas se revelando, a par do lamento pela falência do que é almejado, um desejo ilimitado de plenitude da experiência humana.

Percorrendo diversos textos do ensaísta, com especial foco em ensaios que abordam um determinado tópico da obra (o amor, a ficção, o teatro, a viagem, o mar ou o tempo), o presente artigo visa delinear e problematizar a imagem recorrente na ensaística de Lourenço de um Pessoa trágico e romântico.

**Palavras-Chave:** Eduardo Lourenço, Fernando Pessoa, Ontologia, Trágico, Romântico.

### Abstract

Eduardo Lourenço finds in Pessoa an unsolvable conflict between opposing ontological realities, none of which can prevail over the other: reality and fiction, authenticity and pretence, totality and fragment, knowledge and ignorance, and love and its absence. This conflict refers not only to a tragic dimension in Pessoa's work, but also, for Lourenço, to a deeply romantic one, revealing, alongside the lament for the failure of what is longed for, an unlimited desire for the fulfilment of human experience.

Going through various texts by the essayist, with a special focus on essays that deal with a particular topic of his work (love, fiction, theatre, travel, the sea or time), this article aims to outline and problematise the recurring image in Lourenço's essays of a tragic and romantic Pessoa.

**Keywords:** Eduardo Lourenço, Fernando Pessoa, Ontology, Tragic, Romantic.



Em definições do trágico, é fundamental a ideia de conflito insolúvel ou problema irresolúvel, que dá a ver um contraste entre a grandeza almejada e a sua falência. José Pedro Serra refere como um dos significados nucleares de tragédia o “reconhecimento de uma oportunidade perdida, de um fracasso por um golpe de asa que deitou a perder uma vitória excepcional” (Serra, 2018: 14). Esta noção de fracasso remete para uma oposição, constitutiva do trágico, entre o almejado e a sua impossível concretização. Se na tragédia clássica esta oposição se evidencia habitualmente apenas num momento culminante da ação, revelador do fracasso da fortuna ambicionada, é concebível uma definição moderna do trágico como impossibilidade que mina, à partida, uma ambição de plenitude do eu.

A esta definição moderna é atribuível uma dimensão ontológica, independente de uma sequência concreta de acontecimentos, através da qual o desejo de plenitude do sujeito, nos campos do conhecimento, do amor ou da relação com o mundo, não é anulado, mas se encontra condenado de antemão. Nesta perspetiva, possíveis sentidos da existência humana não excluem um sentimento de ausência de sentido, de vazio ou do absurdo, causador de um “desespero” que Serra (2018: 65) identifica como “a expressão mais intensa do trágico contemporâneo”, decorrente de um “sentimento que um nada consome tudo, um tudo que não é mais do que um outro nada”. Dir-se-ia que o trágico depende aqui da persistência de uma ambição forte, que não é contrariada por uma sequência de acontecimentos, mas pelos próprios limites da condição humana.

Tenho vindo a argumentar não ser possível identificar, na ensaística pessoana de Eduardo Lourenço, uma única tese ou um único argumento nuclear sobre a obra de Pessoa, em torno do qual se organizaria cada um dos ensaios. Este traço articula-se com a própria noção de ensaio que subjaz à sua escrita, que, não sendo tematizada pelo autor, se torna perceptível ao leitor dos ensaios. A esta noção está associada uma ideia da crítica, e do papel do crítico, à qual dedica várias páginas.<sup>1</sup> No texto introdutório de *Tempo e Poesia* (1974), escreve “a componente anticrítica constituiu a motivação ao mesmo tempo passional e intelectual da exegese literária que me interessava” (Lourenço, 2016: 63). Rejeitando um exercício crítico judicativo, propõe um “discurso” sobre a obra que se constitua como “uma espécie de duplo, não do seu próprio discurso”, “mas da claridade, da evidência interna, do movimento, em suma, da vida iluminante que na Obra existe”. Herdeiras da fenomenologia e da hermenêutica moderna, as suas leituras de poesia procuram expor

---

<sup>1</sup> Cf. principalmente Lourenço, 2016 e 2017.

aspectos do significado dos textos, de acordo com o que poderíamos definir como formas de aproximação que não esgotam o seu objeto de estudo. Não prescindindo de esclarecer fundamentos da obra que toma por objeto, o ensaísta procura fazê-lo em movimentos que visam identificar e reproduzir uma “evidência interna”.

Em *Pessoa Revisitado* (1973), ensaio seminal da sua crítica pessoana, é possível reconhecer diversas teses, igualmente nucleares, sobre a obra de Pessoa, tais como a importância da herança de Walt Whitman na poesia de Alberto Caeiro, a presença de temas fundamentais da obra poética adulta na poesia pré-heteronímica, a dimensão trágica de uma busca de plenitude em Caeiro ou a organicidade do sistema heteronímico. Se não é possível destacar, neste e noutros ensaios, apenas uma tese fundamental, é neles recorrente, no entanto, uma imagem particular de Pessoa, que definiria como a de um Pessoa trágico e romântico, em termos que procurarei precisar com referência a alguns dos seus ensaios.

Numa entrevista a Rui Eduardo Paes, de abril de 1985, publicada no *Diário de Lisboa*, Lourenço defende que Pessoa seria um dos “representantes mais típicos da crise da Idade Moderna”, mas também um “moderno anti-moderno, propulsor do niilismo e contestador dos valores tradicionais cristãos”, que “não celebra um novo espetáculo, pertence ainda à idade trágica e não à idade lúdica”. É determinante nas leituras lourencianas a ideia de uma permanente pulsão fracassada no texto pessoano, que remete para um conflito insolúvel. Neste sentido, Pessoa não é, segundo Lourenço, um representante de uma era pós-moderna, que vê como a aceitação lúdica da incompletude identitária ou do caráter provisório de valores morais. As suas leituras encontram no poeta uma tensão irresolúvel entre realidades ontológicas opostas: a realidade e a ficção, a autenticidade e o fingimento, a totalidade e o fragmento, o conhecimento e a ignorância, ou o amor e o que designa como o não-amor. A tragicidade da obra pessoana residiria para o autor não apenas nestas tensões irresolúveis, mas na pulsão que procura, sem sucesso, que um destes pares da oposição prevaleça sobre o outro: a busca da realidade que quebraria a ficção, da autenticidade que anularia o necessário fingimento, da totalidade que excluiria o fragmento ou das possibilidades de amar e conhecer perante o reconhecimento da sua irremediável impossibilidade.

Neste tipo de tensões e pulsões, o ensaísta encontra uma articulação entre a dimensão trágica da obra e a romântica. Não podendo alcançar o que almeja, a poesia pessoana seria reveladora de um lamento, mas também de um desejo ilimitado de plenitude da experiência humana. A sua “glosa da Ausência” alternaria assim, como diz em entrevista a Inês Pedrosa, com



o “querer apanhar todos os comboios” (JL, dezembro de 1986). “Os românticos sentem a obrigação de ser infelizes”, prossegue Lourenço na mesma entrevista, pelo que “Pessoa é, possivelmente com o Pascoaes, o nosso maior romântico”.

## I. Tópicos Pessoaanos

Esta articulação entre o trágico e o romântico, que define uma imagem particular do poeta, é recorrente na ensaística pessoana de Lourenço. Ela encontra-se, no entanto, particularmente desenvolvida, e sedimentada através de um mesmo modelo de leitura, num conjunto de ensaios escritos nas décadas de 1980 e 90, alguns deles apresentados primeiro enquanto conferências, todos publicados em volumes coletivos. Estes ensaios foram posteriormente reunidos em *Fernando, Rei da Nossa Baviera* (1986) ou *O Lugar do Anjo* (2004), e mais recentemente incluídos no volume das *Obras Completas* do autor *O Lugar do Anjo, Crítica Pessoaana II* (1983–2017), sob a designação de conjunto “Tópicos Pessoaanos”, da responsabilidade do editor. Os ensaios estão subordinados, efetivamente, a um tópico particular da obra pessoana: o amor, a ficção, o teatro, a viagem, o tempo e o mar (cf. Lourenço, 2022: 131–228).

Em “Fernando Pessoa ou o Não-Amor”, de 1985, inicialmente redigido em francês e incluído em *Fernando, Rei da Nossa Baviera* (1986), o tópico do amor é definido como “manifestação de uma única e inesgotável experiência: a da ausência do Eu a si mesmo e ao mundo” (*ibid.*: 131). Identificado um sentimento de ausência como pano de fundo, de toda a poesia de Pessoa, “constelação ou galáxia sem outro centro ou sujeito que o *eu ausente*”, o amor só poderá então manifestar-se “como ausência suprema, como insuperável não-amor” (*ibid.*: 133). Estabelecido o fundamento ontológico da experiência subjetiva em Pessoa, a ausência, qualquer presença é por ela minada ou está, de antemão, condenada ao fracasso. Em linha com esta ideia, Lourenço descreve “toda a poesia de Fernando Pessoa” como “*poesia do conhecimento*”, que “*fala*” não a partir de uma relação plena, “ingénua”, com o mundo, mas “desde a origem da *impossibilidade* dessa relação” (*ibid.*: 136). Neste sentido, a multiplicidade de eus em Pessoa estaria “destinada [...] a repercutir sob o modo da ficção um vazio absoluto”, outra designação para a reiterada “ausência”, ainda que possa também “camuflá-la”.

Definido um único pano de fundo, extensível a diversos tópicos, são muito relevantes as análises que Lourenço propõe das modulações do fenómeno amoroso nas várias partes da obra:

na poesia dos vários heterónimos e ortónima, no *Livro do Desassossego*, no *Fausto* ou em *Antinous*. Mas interessa-me aqui sublinhar sobretudo a persistência de um dado modelo de análise — extensível, como mostrarei em seguida, a outros tópicos —, que, ao definir um fundamento ontológico, ao qual são atribuídos vários nomes (*ausência, vazio, solidão ontológica*), identifica também diversas formas de uma presença por ela minada ou onde ela ecoa. Assim,

a poesia de Pessoa, enquanto poética assumida e obsessiva da consciência como solidão ontológica, tinha de ser, fatalmente, uma poesia do *não-amor*. [...] na verdade, esse vazio afetivo é essa espécie de ferida, e toda a poesia de Fernando Pessoa, o seu eco inutilmente multiplicado (*ibid.*).

O *não-amor* de Pessoa é identificado em diversas modalidades, que a poesia coloca em jogo, desde uma *recusa dolorosa* no *Livro do Desassossego* e no *Fausto* ao platonismo ou *angelismo erótico* da poesia ortónima, passando pela encenação de um *erotismo flamejante*, entendido enquanto *excitação factícia e fictícia*, em Álvaro de Campos. O aparente fascínio pela figura amada esconderia, afinal, um *horror de outrem* e uma *incapacidade de amar*, expressa tanto sob a forma da pulsão heterossexual como de índole homoerótica. A este respeito, Lourenço introduz uma subtil ressalva, que é de particular importância, dado o seu anterior tratamento do tema do homoerotismo em Pessoa, designadamente em *Pessoa Revisitado*, a que regressarei mais adiante. Esta ressalva aponta para um estatuto distinto do amor homoerótico no texto pessoano, mas que, segundo o autor, não afeta a questão de base, por esta ser de teor ontológico e não psicológico.

Na verdade, toda a poesia de Fernando Pessoa é uma contínua e dilacerante variação, nos limites do insuportável, sobre a *incapacidade de amar*. De amar a Mulher, em todo o caso, pois o amor homossexual encontrou nele um tratamento poético mais encarnado e convincente que o reservado ao amor com rosto feminino. A tentação imediata seria a de ver na pulsão erótica homossexual, confessada friamente pelo próprio Pessoa, a *explicação*, sem mistério, da sua estranha carência de amor, no sentido tradicional do termo. Mas isso seria reduzir aos limites da psicologia (mesmo profunda) uma aventura poética de alcance decididamente ontológico e confundir a experiência metafísica do *não-amor* com aquilo que o próprio Freud considerava ainda como *desvio* da norma amorosa (*ibid.*: 141).

Sublinhando o alcance ontológico da questão, definido como ponto de partida do ensaio, a poesia de Pessoa é vista, por um lado, como glosa da *incapacidade de amar*, ou, na sua manifestação faustiana, “drama da total *impotência de amar*” (*ibid.*: 142); por outro, enquanto “encenação de múltiplas saídas sem saída para a sua solidão que se enraíza no mais profundo do seu ser” (*ibid.*: 152). Reside neste contraste entre a ausência e uma série de presenças encenadas, precárias, porque dela dependentes, o cerne da imagem de Pessoa construída por Lourenço, neste e noutros ensaios. Nela se vislumbra um Pessoa profundamente trágico, porque responsável por essa pluralidade de “saídas sem saída”, soluções fracassadas para um conflito insolúvel, entre o que ambiciona e o que é. Na sua forma moderna, acima esboçada, trata-se de uma conceção do trágico que não depende de acontecimentos particulares, mas da própria condição ontológica do humano, em si mesma universal, mas cuja face mais negra Lourenço encontra exposta, sem rodeios, por Pessoa: “desta sombra no coração da vida, deste sol sem calor, Fernando Pessoa se fez o verbo negro, triste e fulgurante” (*ibid.*: 155). Contudo, esta imagem articula-se ainda com outra dimensão, a do Pessoa romântico, definido “não apenas como um sonhador, mas como um *sonhador exclusivamente*”. É neste sentido que a “questão da verdade afetiva, sentimental e erótica de Pessoa”, por depender do sonho, “é inseparável da própria questão da Literatura”, onde ele tem lugar e expressão (*ibid.*: 154–55). Destas considerações decorre a caracterização de Pessoa como “encarnação do Romantismo absoluto”, “duplo anónimo do rei-louco Luís da Baviera”.

“Fernando Pessoa ou o Eu como Ficção”, ensaio publicado no mesmo ano, toma como ponto de partida a mesma “ausência ontológica” (*ibid.*: 157). Sobre um “fundo de ausência”, Lourenço situa os diversos eus pessoanos, ortónimo e heterónimos, “tão fictícios e tão reais como o ‘eu’ Fernando Pessoa”. Sublinha que estas “máscaras” não são mera “encenação poética” ou “festa ímpar do texto”, nela se encontrando “a mesma e permanente tentativa, sempre falhada, de suprir a ausência congénita do eu” (*ibid.*: 158). A noção de “tentativa falhada” retoma a de “saídas sem saída” do texto sobre o amor, reforçando a dimensão trágica dos propósitos de um poeta que, na sua dimensão identificada por Lourenço como romântica, “inventou estranhas saídas para se convencer de que tinha as vidas todas que os sonhadores em si podiam inventar” (*ibid.*: 159). A respeito dos principais heterónimos, escreve que cada um deles “pode fingir ou atribuir a si próprio uma consistência ontológica, uma coerência, um sentido que o sujeito poético correspondente ao eu real não pode evocar, porque não é mais do que não-mundo, ausência no mundo” (*ibid.*: 160). Estas considerações vão ao encontro de algumas descrições de Pessoa do fenómeno da



heteronímia, em que confere às suas figuras uma realidade que não possui, lembrando ainda a caracterização de Pessoa por Jorge de Sena como *o homem que nunca foi*.<sup>2</sup>

Todos os ensaios de Eduardo Lourenço redigidos entre 1985 e 1998 que abordam um tópico específico da obra pessoana (além do amor e da ficção, o teatro, a viagem, o tempo e o mar) seguem este mesmo modelo de leitura. Tal como na realidade, de Pessoa e da sua poesia, se mistura, na leitura lourenciana, a ficção do que cria, tida por mais real que essa realidade marcada pela ausência, assim também no que seria o seu teatro ou a sua obra dramaturgica se revelaria uma não-teatralidade fundadora. Em “Pessoa: uma Teatralidade sem Teatro”, Lourenço discorre sobre a “ausência absoluta de sentido” (*ibid.*: 168) que subjaz à teatralidade encenada em peças como *O Marinheiro*, mas também no próprio *drama em gente*. Na linha das leituras sobre o amor e a ficção, interessa ao autor a ideia de uma permanente contaminação de determinado campo pelo seu oposto, pelo que, referindo-se a *O Marinheiro*, “nessa estranha litania da irrealidade que ecoa pela peça toda” persiste “a alusão ao real” (*ibid.*: 166).

Ao tratar o tópico da viagem (em “Pessoa ou as Três Viagens”, publicado em 1989), Lourenço parte, uma vez mais, da sua negação, da “não-viagem”, cujo sentido analisa tanto do ponto de vista biográfico como do literário. Citando o conhecido verso ortónimo “Viajar! Perder Países” (cf. Pessoa, 2012: 347–48), defende que “houve sempre em Pessoa algo que se opôs à encenação do mundo através de uma qualquer deslocação” (*ibid.*: 172). Por outro lado, a esta resistência a uma viagem concreta, empírica, opõe-se o que seria “o verdadeiro assunto” da poesia pessoana, “o sonho de uma viagem” (*ibid.*: 173). Esta viagem imaginária, sonhada, é identificada na *Ode Marítima* enquanto exaltação da viagem e “sonho de totalidade”, que “não deve esconder o facto de que o poema é apenas frustração ontológica provocada pela viagem e não júbilo por ela suscitado”, nele transparecendo uma “expressão onírica e compensadora de uma essencial imobilidade metafísica” (*ibid.*: 174). Destes dois tipos de viagem, empírica e sonhada, distingue Lourenço um terceiro, “que não pertence à ordem da *existência*, mas da *essência*” (*ibid.*: 175). Esta terceira viagem, de inspiração ocultista, é descrita, com referência aos poemas *Eros e Psyche* e *Passos*

---

<sup>2</sup> Cf. Sena, 2000: 347–369 [1977]. Apesar de partir de aspetos biográficos, a caracterização de Sena, apresentada neste ensaio de 1977, possui também uma dimensão ontológica, possivelmente inspirada na própria leitura lourenciana. Diversos trechos da obra pessoana remetem para a noção de um maior grau de realidade das figuras heteronímicas face ao seu criador, surgindo aí *realidade* como referência a uma maior coerência ou espessura identitária, contemplando ainda a ideia de evolução da personalidade associada a uma obra (cf. designadamente Pessoa, 2012: 212–219 e 231–232).



da Cruz, enquanto reveladora da vida concreta como ilusória, criando um “*espaço de regresso*” a uma outra realidade, que corresponderia ao que “realmente *somos*” (*ibid.*: 178).

Em perfeita analogia com as “três viagens” são desenvolvidas as análises lourencianas dos tópicos do tempo e do mar (em “Pessoa e o Tempo”, apresentado e publicado em 1988, e “Os Mares de Pessoa”, publicado em 1998). A uma “ausência radical de sentido para o que nós chamamos comumente o Tempo e a Morte”, como pano de fundo, contrapõe-se uma “*negação do tempo*” na poesia ortónima de inspiração ocultista, em que Lourenço inclui os poemas *Além-Deus* e *Passos da Cruz*, mas também *Mensagem* (*ibid.*: 185 e 188). Esta *negação* concebe o tempo como “mera ilusão”, de que decorre um desejo de “regresso a essa Pátria anterior, a esse Cais platónico de onde todos partimos, evocado na *Ode Marítima*” (*ibid.*: 187). No ensaio sobre os mares, este “Grande Cais Anterior, eterno e divino!”, da *Ode Marítima*, é descrito como “realidade impensável e sem fundo”, “o mar absoluto”, “um absoluto onde nada falta, como o transcendental da vida” (*ibid.*: 226). A *terceira viagem*, o *mar absoluto* ou a *negação do tempo* são assim designações encontradas por Lourenço para descrever a projeção de uma dimensão oculta na poesia pessoana, através da qual a realidade empírica é vista como ilusão.

Deste vislumbrado regresso ao absoluto, de pendor ocultista, o ensaísta distingue a “pluralidade de mares através dos quais o mar ausente nos é acessível” (*ibid.*: 215). Definindo, uma vez mais, a ausência como ponto de partida, aponta para as modulações plurais que a poesia pessoana, sob as suas diferentes vozes, dá a ver, “fabulosas *imagens-retratos* dos Mares” de um “sonhador impenitente” (*ibid.*: 221). Quanto ao tempo, defende que “só a heteronímia (...) comporta um confronto *positivo*” com a sua “realidade paradoxal”, representando “a sua máxima tentativa para conferir um sentido a esse mesmo Tempo” (*ibid.*: 191–92). Nas suas diferentes modulações, Alberto Caeiro seria o “estratagema mais eficaz para *fixar* o tempo”, através do seu “gozo puro da sensação”, Álvaro de Campos “a temporalidade esburacada, fragmentada em múltiplas sensações”, Ricardo Reis “um tempo de paz”, “por indiferença estóica ao agulhão da temporalidade” (*ibid.*: 193–94).

No tratamento destes tópicos, evidencia-se assim um mesmo modelo de leitura, expresso numa determinada estrutura argumentativa. Um sentimento fundamental de ausência, identificado como ponto de partida ontológico da poesia de Pessoa, associa-se à imagem do sonhador romântico, que, expressando uma fundadora irrealidade da vida, a procura compensar através do sonho. Este sonho seria, nas suas diversas expressões, o de uma experiência plena, de uma realidade



que quebraria a ficção, da totalidade por contraponto à incompletude ou do conhecimento e do amor plenos. A este Pessoa romântico subjaz uma dimensão profundamente trágica, porque estes sonhos são minados pelo sentimento de ausência de que partem: ausência do eu perante si mesmo, falta de coincidência ou, pelo menos, de conexão com o mundo, separação irremediável entre consciência e mundo.

## II. Pessoa Revisitado

É possível ver os ensaios pessoanos de Lourenço anteriores à década de 1970 como preparatórios de *Pessoa Revisitado*, livro decisivo publicado em 1973. Os seus primeiros ensaios sobre Pessoa, escritos na primeira metade da década de 50, definem a dimensão ontológica como ponto de partida da análise, uma definição que será determinante na imagem recorrente de um Pessoa trágico e romântico. Sem estabelecer ainda o modelo de leitura identificado nos ensaios sobre os tópicos pessoanos, e que é retomado também em textos posteriores, o seu primeiro ensaio, apenas recentemente dado a conhecer, “A Poesia de Fernando Pessoa ou a Experiência do Nada”, de 1952, define aquele que “olhou” a *Tabacaria*, do poema homónimo de Campos, como “homem” que “não existe” (Lourenço, 2020: 117). O breve ensaio discorre, em seguida, sobre a necessidade de partir de um sentimento ou de uma experiência que a própria poesia convoca, não sendo este atribuível ao seu autor real. Partindo de *Tabacaria*, define a “experiência do Nada” e o sentimento de angústia como estados que a poesia de Pessoa gera ou *cria*. Outro ensaio fragmentário, sem título, de meados dos anos 50, retoma a mesma ideia, definindo a “angústia de Pessoa” como a de uma poesia que não teria sido “escrita por um homem”, mas “pelo próprio Nada” (*ibid.*: 145).

“Kierkegaard e Pessoa ou a Comunicação Indireta”, ensaio de maior fôlego, escrito entre 1954 e 56 e publicado apenas anos mais tarde, devido a intervenção da censura (cf. Lourenço, 2020: 501–503), introduz o conceito de autenticidade como ponto de partida de leitura das obras de Pessoa e Kierkegaard, com vista a estabelecer “um critério ontológico mais sério que o da sinceridade, limitado apenas a um horizonte psicologista” (*ibid.*: 127). Situando a leitura no plano ontológico, nele procura integrar a historicidade da própria ontologia, considerando um “plano supra-individual do mundo das realidades chamadas espirituais e conjuntamente histórico-culturais”. Neste âmbito, identifica na heteronímia uma “dialética” “nobre” e “trágica”, que traduziria “*ao mesmo tempo a impotência radical de conceber e exprimir a Unidade e a tentativa de se aproximar*”



delas sob a forma de unidades diferentes” (*ibid.*: 140). O “mérito imortal da poesia de Pessoa” teria sido, por um lado, “o de dar uma voz inesquecível [...] à eterna ausência que constitui, ‘é’, e ‘jaz’ no centro da existência humana” (*ibid.*: 141), mas, por outro lado, conferindo um novo sentido à “experiência nuclear da ‘vida como sonho’”, o de nela encontrar uma “porta aberta”, mencionada no poema *No Túmulo de Christian Rosencreutz*.

A situação trágica aqui descrita por Lourenço é distinta da acima analisada, no sentido em que ela tem por base essa “*impotência radical de conceber e exprimir a Unidade*”, mas alberga ainda um sentido afirmativo da dimensão romântica associada. A “marca do Romantismo”, identificada por Lourenço num passo do ensaio, teria por base uma “obsessão profunda por uma experiência da qual se pode dizer que é ela a sua verdadeira vida” (*ibid.*: 132). Um “sentimento de ‘queda’”, que separa o humano da verdade ou da unidade, seria ainda expressão daquilo de que se afasta, “ao mesmo tempo *a mais pura e terrível manifestação da existência dessa Unidade*” (*ibid.*: 140). Traçando já aqui uma imagem de um Pessoa trágico e romântico, dir-se-ia que o traço romântico prevalece ainda sobre o trágico, já que Lourenço encontra na poesia pessoana uma capacidade de dizer a Unidade, através do que define no ensaio como *comunicação indireta*, que a distinguiria da fala comum. Estando já aqui definidos os mesmos fundamentos ontológicos de que partem leituras posteriores, a descrita experiência da ausência não mina ainda qualquer tentativa de a superar, concebendo-se assim uma possibilidade de revelação através da poesia. Esta possibilidade será, em ensaios posteriores, designadamente os que seguem o modelo de leitura dos *tópicos pessoanos*, confinada a duas vias distintas que a poesia pessoana convoca, qualquer uma delas vista como minada, à partida, por um fundo de ausência, e condenada, por isso, ao fracasso. Estas vias, que neste ensaio dos anos 50 não surgem ainda claramente distinguidas, serão a do sonho, da vida irreal ou imaginada, e a de uma busca de cariz ocultista, característica identificada na poesia ortónima tardia.

Em *Pessoa Revisitado*, publicado em 1973, a experiência da ausência do eu a si mesmo perpassa diversos capítulos, mas possui uma coloração psicologista, devedora da leitura muito criticada, mas parcialmente apropriada por Lourenço, de João Gaspar Simões. Já num ensaio redigido entre finais da década de 60 e inícios de 70, “Alberto Caeiro, o Mestre ou a Sombra do Pai. Pura Elucubração”, que ficou por publicar e foi apenas dado a conhecer em 2009 (cf. Lourenço, 2020: 507), o ensaísta propusera uma releitura da questão psicanalítica, tal como colocada por Simões, sugerindo a figura de um pai ausente como mais determinante que a relação com a mãe. No mesmo período, Lourenço redige também a introdução e o primeiro capítulo da



sua projetada, e posteriormente abortada, tese de doutoramento sobre Pessoa, “A Génese da Heteronímia em Fernando Pessoa. Análise Estrutural do ‘Drama em Gente’” (cf. *ibid.*: 169–204), em que o foco da análise é predominantemente literário, propondo uma leitura da heteronímia pessoana a partir da sua relação com motivos presentes na poesia pré-heteronímica.

*Pessoa Revisitado* procura articular estas duas perspetivas, colocando em primeiro plano a questão ontológica, mas mantendo referências de foro psicanalítico empregadas pelos presencialistas, como o conceito de *impotência criadora* de Pessoa,<sup>3</sup> e abordando a questão sexual como determinante na escrita do poeta. Se o “fracasso clamoroso” de Pessoa teria consistido “em se converter, por impotência, ao mesmo tempo ocultada e transcendida, em vários poetas responsáveis por visões do mundo à primeira vista divergentes” (*ibid.*: 221), no plano sexual Lourenço emprega termos diversos para designar uma aparente indiferença, mas que oculta ou reprime uma sexualidade subjacente. Referindo-se a uma “sexualidade branca” ou a um “*sexo idealmente ausente*” (*ibid.*: 289), esta aparente indiferença ou ausência ocultaria, como sugere em diversas páginas de *Pessoa Revisitado*, mas recusando assertividade a este respeito, uma pulsão homoerótica. Como sublinha Flávio Rodrigo Penteadado, no artigo incluído no presente caderno temático, são diversos os “eufemismos aos quais Eduardo Lourenço recorre em seu ensaio para designar a referida pulsão homoerótica, tais como «marginalidade erótico-sentimental» (*ibid.*: 307) e «‘afetos’ de uma outra ordem» (*ibid.*: 308)” (Penteadado, 2024: 46). A ideia de um sentimento profundo de culpa ou de uma culpabilização do poeta por sentir pulsões socialmente condenadas perpassa também diversas análises do ensaio.

A sugestão de uma pulsão homoerótica reprimida, como ferida subjacente ao sentimento predominante de indiferença ou ausência de sexo, articula-se com a ideia de *impotência criadora*, na medida em que pressupõe uma repressão da própria individualidade, que estaria na base da criação de outras, da máscara ou do disfarce. Principalmente estas duas ideias, e a noção de culpabilização a elas associada, são momentos definidores da perspetiva psicanalítica marcante no livro. No texto de prefácio inserido na sua segunda edição, datado de 1980, o ensaísta defende-se, no entanto, de leituras psicologistas da análise empreendida, designadamente pelos próprios Gaspar Simões

---

<sup>3</sup> Este conceito surge em dois momentos importantes da análise empreendida, referindo-se o ensaísta a ele como “intuição” “justa e capital” (cf. Lourenço, 2020: 251 e 270). A respeito desta apropriação de Lourenço do conceito presencialista, empregado por Régio, Simões e Casais Monteiro, cf. Amado, 2018.



e Jacinto do Prado Coelho,<sup>4</sup> afirmando que o foco da sua interpretação não é psicologista, mas textual:

o essencial de *Pessoa Revisitado* (...) nada tem a ver com a maior ou menor eficácia dessa hipótese da “culpabilização” enquanto dado psicológico (superficial ou profundo), mas com a sua produtividade enquanto elemento capaz de introduzir uma coerência temática estrutural na visão poética de Fernando Pessoa, textualmente verificável (*ibid.*: 213).

Facto é que essa hipótese de uma sexualidade de índole homoerótica reprimida, avançada sempre de forma muito cautelosa, através de eufemismos e formulações hipotéticas, é persistente ao longo do livro, o que não significa necessariamente que ela seja nuclear na argumentação do ensaísta.<sup>5</sup> Com efeito, a subordinação da dimensão psicológica, pessoal ou sexual à ontológica está já presente em *Pessoa Revisitado*, ainda que a conjugação permanente de diversas perspetivas de análise nem sempre permita vislumbrá-la. O que a passagem acima citada do texto sobre o “não-amor”, de 1985, vem clarificar, defendendo não ser possível encontrar “na pulsão erótica homossexual [...] a explicação, sem mistério, da sua estranha carência de amor”, por isso implicar “reduzir aos limites da psicologia (mesmo profunda) uma aventura poética de alcance decididamente ontológico” (*ibid.*: 141), está já presente no livro de 1973, ainda que as leituras avançadas se situem num campo ambíguo, de linhas interpretativas que se cruzam e se complementam.

A habilidade argumentativa de Lourenço permite integrar, em diversos momentos do livro, designadamente nos capítulos dedicados à análise da heteronímia, a perspetiva psicanalítica na abordagem ontológica recorrente ao longo de toda a sua obra ensaística. De facto, a persistência desta perspetiva não impede o ensaísta de a inserir no âmbito mais vasto de uma ontologia da ausência, de que as figuras heteronímicas seriam modulações, dando a ver, para lá da encenação,

<sup>4</sup> Em defesa das críticas lourencianas de um excesso de psicologismo biografista, Gaspar Simões elogia, em recensão publicada no *Diário de Notícias*, em junho de 1974, a “acuidade metafísica rara em terra de poetas do autor”, duvidando, no entanto, da valia das suas “intuições estéticas” e encontrando no que designa como “apropriação” da sua “tese freudiana” as “mais íntimas afinidades” com a sua leitura. Jacinto do Prado Coelho, por seu lado, afirma, numa série de notas a livros pessoanos publicados posteriormente a *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* [1949], incluídas em apêndice em reedições deste seu estudo, que *Pessoa Revisitado* “continua de certo modo (embora matizando-a e corrigindo-a com extrema subtilidade) a interpretação psicanalítica tentada por Gaspar Simões” (Coelho, 1980).

<sup>5</sup> No artigo incluído neste caderno, Flávio Rodrigo Penteadado defende a centralidade desta hipótese, sugerindo que “a perspetiva psicanalítica enforma toda a estrutura argumentativa da obra” (Penteadado, 2024: 42).



um sentimento de ausência que procuram anular. As obras dos heterónimos seriam, assim, nesse primeiro plano de leitura psicanalítica, a “impotência genialmente transfigurada” (*ibid.*, 322), mas que nessa transfiguração permanece minada pela impotência de que parte. Essa *impotência* é, no entanto, lida enquanto ausência que contamina qualquer presença sonhada sob a forma dos heterónimos, dando esta articulação a ver as dimensões trágica e romântica da imagem de Pessoa proposta por Lourenço. O acento na perspectiva psicanalítica que caracteriza *Pessoa Revisitado* irá conduzir, afinal, a uma mesma ideia fundamental sobre a “consciência poética de Pessoa”, que, segundo Lourenço, “glosa o abismo que separa consciência e realidade, abismo que vive como insuportável ausência de si a si mesmo e de si mesmo ao mundo” (*ibid.*: 221). Esta passagem do capítulo do livro dedicado a Alberto Caeiro é esclarecedora do ponto de partida da análise, que vê em Caeiro, em linha com as leituras de Campos ou Reis, uma “cura fulgurante para o que não tem cura”, por ser apenas sonho, “ceifeira perfeita, mas em sonho” (*ibid.*). Ocupando a sua destacada posição de mestre, Caeiro “nasce”, prossegue Lourenço no mesmo capítulo, para “anular” a “distância (infinita) que separa consciência e mundo”, “mas é no espaço que separa olhar e realidade, consciência e sensação que o seu verbo (a sua voz) irónica e gravemente se articula” (*ibid.*: 232). A sua argumentação faz depender assim a possível pertinência da questão sexual na leitura da obra, a respeito da qual o ensaísta é muito cauteloso e frequentemente evasivo,<sup>6</sup> de uma dimensão ontológica fundadora, da qual emerge uma mesma imagem de um Pessoa trágico e romântico. O seu sonho de superar a distância entre consciência e mundo, expresso na poesia de Caeiro, vê-se à partida impossibilitado pelos próprios limites da condição humana, pensada sob o pano de fundo da ausência.

Dois breves ensaios publicados na sequência de *Pessoa Revisitado*, em 1975, inserem o que é proposto no livro no contexto histórico da modernidade literária e filosófica, reconhecendo na poesia de Pessoa uma resposta singular a questões determinantes de uma época. Em “Fernando Pessoa ou o Estrangeiro Absoluto”, que retoma um título pensado inicialmente, como revelam primeiros esboços manuscritos preservados no seu Acervo, para *Pessoa Revisitado*, e que irá ser recuperado na sua tradução francesa, a noção de “consciência explodida” surge como definidora

---

<sup>6</sup> Uma entrevista a Norma Couri, publicada no *Jornal do Brasil* a 16 de abril de 1996, na sequência da atribuição do *Prémio Camões* pela sua obra, é esclarecedora acerca dos motivos dessa extrema cautela de Lourenço. Em resposta a uma pergunta sobre a possível homossexualidade de Pessoa, o ensaísta afirma que Pessoa seria homossexual “pelo menos na cabeça”, explicando, em seguida, que “esse é um assunto delicado que ofende os portugueses”: “Uma vez eu declarei isso e acharam que eu estava denegrindo a imagem de um património nacional”.



do “espírito moderno”, defendendo Lourenço que “dela nos ofereceu Fernando Pessoa uma das mais trágicas e geniais visões” (*ibid.*: 383). A originalidade de Pessoa residiria assim não na formulação de um problema ontológico, mas na resposta encontrada a um problema determinante na modernidade. “Pessoa ou a Realidade como Ficção”, publicado no mesmo ano, foi inicialmente redigido como uma conclusão de *Pessoa Revisitado*, “conclusão sem fim”, conforme indica o seu testemunho manuscrito do Acervo, que o autor optou por publicar posteriormente como ensaio autónomo. Nele é descrito um “olhar que estrutura o mundo de Fernando Pessoa”, como emergindo “de uma opacidade e de uma treva, ao mesmo tempo imemoriais e históricas” e procurando “por labirínticos e trágicos caminhos, uma saída, uma plenitude de luz” (*ibid.*: 387). Defendendo o poeta contra uma possível acusação de niilismo, Lourenço afirma que “o que ressalta em Pessoa é o movimento para a sutura dessa falha intrínseca do idealismo moderno como consciência infeliz” e que “o espetáculo da existência” lhe surgiu “como jogo infinito, mas esse jogo não lhe provocou o estrutural *éclat de rire* de Foucault” (*ibid.*: 388–389).

Estas duas afirmações definem claramente, ainda fora do modelo argumentativo que será definidor dos ensaios posteriores sobre tópicos da obra, a imagem recorrente de Pessoa em Lourenço: a de um poeta que buscou soluções para um problema fundamental de ausência, perante si mesmo e o mundo, não aceitando a sua própria precariedade, mas por isso mesmo debatendo-se constantemente com sonhos impossíveis de concretizar. A poesia de Pessoa não seria assim o canto de uma ausência, mas a procura permanente de soluções para um sentimento moderno de ausência, soluções essas profundamente trágicas porque precárias, não acarretando o riso de quem aceita a incompletude ou a insuficiência como definidoras da condição humana.

## Referências

- AMADO, Nuno (2018) “Lourenço Revisitado: A Heteronímia e a ‘Impotência Criadora’ de Pessoa”, *Estranhar Pessoa*, 5: 62–77, disponível em <https://estranharpessoa.com/nmero-5>.
- COELHO, Jacinto do Prado (1980) “Notas à Margem de Alguns Livros sobre Fernando Pessoa Posteriores ao Presente Ensaio”, in *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, Lisboa, Verbo, 209–238.
- COURI, Norma (1996, 16 de abril) “O Ensaísmo É uma Espécie de OVNI”, Entrevista a Eduardo Lourenço, *Jornal do Brasil*.



- LOURENÇO, Eduardo (2016) *Tempo e Poesia*, Ed. Carlos Mendes de Sousa, Obras Completas de Eduardo Lourenço, vol. III, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- (2017) *O Canto do Signo, Existência e Literatura (1957–1993)*, Lisboa, Gradiva.
- (2020) *Pessoa Revisitado: Crítica Pessoaana I (1949–1982)*, Ed. Pedro Sepúlveda, Obras Completas de Eduardo Lourenço, vol. IX, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- (2022) *O Lugar do Anjo: Crítica Pessoaana II (1983–2017)*, Ed. Pedro Sepúlveda, Obras Completas de Eduardo Lourenço, vol. XI, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- PAES, Rui Eduardo (1985, 29 de abril) “A Inteligência Emocionada”, Entrevista a Eduardo Lourenço, *Diário de Lisboa*.
- PEDROSA, Inês (1986, 6 de dezembro) “Tudo Me É Pretexto para Falar de Mim”, Entrevista a Eduardo Lourenço, *Jornal de Letras*.
- PENTEADO, Flávio Rodrigo (2024) “Eros Revisitado”, *Estranhar Pessoa*, 11: 38-52, disponível em <https://estranharpessoa.com/nmero-11>.
- PESSOA, Fernando (2012) *Teoria da Heteronímia*, Ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.
- SENA, Jorge de (2000) *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima*, Estudos Coligidos 1940–1978, Ed. Mécia de Sena, Lisboa, Edições 70.
- SERRA, José Pedro (2020) *Pensar o Trágico*, Lisboa, Abysmo.
- SIMÕES, João Gaspar (1974, 27 de junho) “Pessoa Revisitado, Leitura Estruturante do Drama em Gente”, Recensão, *Diário de Notícias*.

**Pedro Sepúlveda** é professor associado no Departamento de Estudos Portugueses da NOVA FCSH e investigador do IELT, da mesma faculdade. O seu trabalho desenvolve-se nos campos da Literatura Moderna e da Crítica Textual, com foco particular em Fernando Pessoa e no modernismo literário português. Publicou recentemente o ensaio *Ostensivo e Reservado, Leituras de Pessoa* (IN, 2024) e editou os volumes de Eduardo Lourenço *Pessoa Revisitado, Crítica Pessoaana I* (1949–1982) e *O Lugar do Anjo, Crítica Pessoaana II* (1983–2017), publicados pela Gulbenkian. Coordena o projeto de investigação *Estranhar Pessoa* ([estranharpessoa.com](http://estranharpessoa.com)) e é coeditor da *Edição Digital de Fernando Pessoa: Projetos e Publicações* ([pessoadigital.pt](http://pessoadigital.pt)).

